

# A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

**Américo Junior Nunes da Silva**  
(Organizador)



# **A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura**

**Américo Junior Nunes da Silva**  
(Organizador)



### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliãni Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## A educação enquanto fenômeno social: política, economia, ciência e cultura

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Vanessa Mottin de Oliveira Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Américo Junior Nunes da Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: política, economia, ciência e cultura / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-531-0

DOI 10.22533/at.ed.310200911

1. Educação. 2. Política. 3. Economia. 4. Ciência e Cultura. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

### Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos, em 2020, por uma pandemia: a do novo coronavírus. O distanciamento social, reconhecida como a mais eficiente medida para barrar o avanço do contágio, fizeram as escolas e universidades suspenderem as suas atividades presenciais e pensarem em outras estratégias que aproximassem estudantes e professores. E é nesse lugar de distanciamento social, permeado por angústias e incertezas típicas do contexto pandêmico, que os professores pesquisadores e os demais autores reúnem os seus escritos para a organização deste livro.

Como evidenciou Daniel Cara em uma fala a mesa “*Educação: desafios do nosso tempo*” no Congresso Virtual UFBA, em maio de 2020, o contexto pandêmico tem sido uma “tempestade perfeita” para alimentar uma crise que já existia. A baixa aprendizagem dos estudantes, a desvalorização docente, as péssimas condições das escolas brasileiras, os inúmeros ataques a Educação, Ciências e Tecnologias, os diminutos recursos destinados, são alguns dos pontos que caracterizam essa crise. A pandemia, ainda segundo ele, só escancara o quanto a Educação no Brasil é uma reprodutora de desigualdades.

Nesse ínterim, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, sobretudo aquelas que inter cruzam e implicam ao contexto educacional. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros, como os compõe essa obra.

O cenário político de descuido e destrato com as questões educacionais, vivenciado recentemente, nos alerta para uma necessidade de criação de espaços de resistência. É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade, de uma forma geral, das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade.

Portanto, as discussões empreendidas neste volume 01 de “***A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura***”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, assim como também da prática docente, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam.

Este livro reúne um conjunto de textos, originados de autores de diferentes estados brasileiros e países, e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, gênero, ciências

e tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade, ludicidade, educação para a cidadania, política, economia, entre outros.

Os autores que constroem essa obra são estudantes, professores pesquisadores, especialistas, mestres ou doutores e que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores e discussões por eles empreendidas, mobilizam-se também os leitores e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
EDUCAÇÃO BRASILEIRA NA ATUALIDADE E EDUCAÇÃO POLÍTICA: IMPLICAÇÕES E PERSPECTIVAS CRÍTICAS	
Clésio Aderno da Silva	
Graciela Targino	
Keyla Andrea Santiago Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3102009111</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
UM PROJETO PARA A PROMOÇÃO DA LITERATURA E DOS DIREITOS HUMANOS	
Regina Coeli da Silveira e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3102009112</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
O CURRÍCULO E A ESCOLA PÚBLICA: REFLEXÕES SOBRE A DIMENSÃO DA POBREZA	
Eliana Cordeiro Curvelo	
Sebastião de Souza Lemes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3102009113</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
INTRODUÇÃO AO MULTICULTURALISMO EM EDUCAÇÃO	
Adelcio Machado dos Santos	
Manoel Leandro Fávero	
Audete Alves dos Santos Caetano	
Suzana Alves de Moraes Franco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3102009114</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>39</b>
A FORMAÇÃO HUMANÍSTICA DO PROFESSOR NOS ASPECTOS QUE TANGEM A INCLUSÃO SOCIAL	
Marlene Ribeiro Martins	
Bruna Fernanda Ananias Souza	
Patrícia Mata Sousa	
Tatiane Cristina Ramos Moscatelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3102009115</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>53</b>
FORMAÇÃO MORAL NO CONTEXTO ESCOLAR NA CONTEMPORANEIDADE: DIVERSIDADE CULTURAL, INTERFACES E APROXIMAÇÕES COM OS CONCEITOS DE CAMPO E HABITUS DE PIERRE BOURDIEU	
Sara Bernardes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3102009116</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>66</b>
GESTÃO DEMOCRÁTICA NA CONSTRUÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LARANJAL PAULISTA - SP	
Izalto Junior Conceição Matos Kátia Regina Zanardo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3102009117</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>78</b>
EVASÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: O QUE PENSAM OS ALUNOS DE UMA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL	
Marcos Roberto Diniz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3102009118</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>88</b>
DESEMPENHO DAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE ESPERA FELIZ/MG EM AVALIAÇÃO DE LARGA ESCALA E PERCEPÇÃO DOCENTE: ANÁLISE BASEADA NO PROEB/SIMAVE DE 2011 A 2017	
Larissa Mendes Mateus Luciane da Silva Oliveira Marcos Vinicio Diniz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3102009119</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>102</b>
O PROJETO RECEPÇÃO CIDADÃ: ACOLHIDA DE ESTUDANTES INGRESSANTES DO IFTM – CAMPUS UBERLÂNDIA	
Gabriel Ferreira Barcelos Anna Clara Pereira Machado Nísia Maria Teresa Salles Márcia Lopes Vieira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.31020091110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>107</b>
RELAÇÕES VERDES: DA PRÁTICA À CONSCIÊNCIA AMBIENTAL	
Ana Paula Gorski Cesar Beatriz Lorenzi Wisbeck	
<b>DOI 10.22533/at.ed.31020091111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>120</b>
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL X FORMAÇÃO HUMANA: PROCESSO DE DISPUTA OU COMPLEMENTAÇÃO DE SABERES?	
Elza Magela Diniz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.31020091112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>134</b>
O RECURSO LINGUÍSTICO DAS GÍRIAS UTILIZADO PELOS ADOLESCENTES E/OU JOVENS QUE CUMPREM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO	
Fernando Miranda Arraz	

**CAPÍTULO 14..... 149**

A AGROECOLOGIA COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO À AGRICULTURA CONVENCIONAL NO ASSENTAMENTO TERRA À VISTA, SUL DO ESTADO DA BAHIA

Adenilson Alves Cruz

Rosana Mara Chaves Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.31020091114

**CAPÍTULO 15..... 157**

PISO SALARIAL DOCENTE NO ESTADO DE MATO GROSSO SUL: APROXIMAÇÕES E PERSPECTIVAS

Maria do Socorro Sales Felipe Bezerra

Danielli Araujo Jarcem

DOI 10.22533/at.ed.31020091115

**CAPÍTULO 16..... 170**

EDUCAR PARA O CUIDADO DE SI E PARA VIVER A *PARRHESÍA*

Wagner Gomes Sebastião

Carlos Roberto da Silveira

DOI 10.22533/at.ed.31020091116

**CAPÍTULO 17..... 179**

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO COMBATE À DENGUE, ZIKA E CHIKUNGUNYA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Emilly Alencar Pereira

Elenir da Silva Marques

Joelma Gomes Pereira

Mariane da Silva Costa

Richard Sebastião Silva das Neves

Flaviany Aparecida Piccoli Fontoura

Claudia Janayna Carollo

DOI 10.22533/at.ed.31020091117

**CAPÍTULO 18..... 183**

EVASÃO ESCOLAR E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Shana Krindges

Elisete Gomes Natário

DOI 10.22533/at.ed.31020091118

**CAPÍTULO 19..... 195**

A CRIANÇA E O NOVO CAMPO ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA

Gisele Brandelero Camargo

Ana Luiza Santos

Ana Marcela Taques Glonek

Joseane Schoab Giebeluka

DOI 10.22533/at.ed.31020091119

**CAPÍTULO 20.....211**

**POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS E DISCURSO: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE QUALIFICAÇÃO DOCENTE NA CIDADE DE RIO BRANCO – ACRE**

José Eliziário de Moura  
Erlande D'Ávila do Nascimento  
Paulo Eduardo Ferlini Teixeira  
Uthant Benicio de Paiva

**DOI 10.22533/at.ed.31020091120**

**CAPÍTULO 21..... 226**

**PROJETO MALALA: UMA VOZ PELA EDUCAÇÃO**

Patricia Batista Schunk  
Sueli Marques de Souza Velloso

**DOI 10.22533/at.ed.31020091121**

**CAPÍTULO 22..... 238**

**HORTA ORGÂNICA EM ESCOLA MUNICIPAL COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

José Carlos Pina  
Luiz Antonio Higino da Silva  
Ademir Kleber Morbeck de Oliveira  
Rosemay Matias  
Giselle Marques de Araújo  
João Paulo Abdo  
Talita Cuenca Pina Moreira Ramos

**DOI 10.22533/at.ed.31020091122**

**CAPÍTULO 23..... 251**

**FATORES DE DESISTÊNCIA NA ESCOLA: ALUNOS DE UM CURSO TÉCNICO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO**

Hélio Fritz Kiessling  
Júlio Gomes de Almeida  
Maria do Carmo Meirelles Toledo Cruz

**DOI 10.22533/at.ed.31020091123**

**CAPÍTULO 24..... 259**

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A SUA CONTRIBUIÇÃO SOCIAL, POLÍTICA E PROFISSIONAL**

Karina Franco  
Claudia Almeida Scariot  
Géssica Fiabane  
Priscilla Christina Franco

**DOI 10.22533/at.ed.31020091124**

**CAPÍTULO 25..... 268**

**JUVENTUDE, CULTURA E IDENTIDADE: APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA DE**

**CAPITAL CULTURAL**

José Franco de Azevedo

Sônia Pinto de Albuquerque Melo

**DOI 10.22533/at.ed.31020091125**

**CAPÍTULO 26..... 284**

**UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO ESCOLAR E A HISTÓRIA DE VIDA DE JOVENS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Rafaela Furtado Queiroz

Maria de Jesus Campos de Souza Belém

**DOI 10.22533/at.ed.31020091126**

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 298**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 299**

# CAPÍTULO 25

## JUVENTUDE, CULTURA E IDENTIDADE: APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA DE CAPITAL CULTURAL

Data de aceite: 03/11/2020

**José Franco de Azevedo**  
Instituto Federal de Sergipe

**Sônia Pinto de Albuquerque Melo**  
Instituto Federal de Sergipe

**RESUMO:** Este estudo bibliográfico objetiva refletir sobre cultura e identidade como sistemas simbólicos que viabilizam aos membros de dada comunidade ordenar seus comportamentos, valores e manifestações. No caso específico desta discussão, o foco será a juventude, com o intuito de entender como suas ações e iniciativas contribuem com transformações em diferentes perspectivas – sejam elas sociais, de costumes, de crenças e/ou de comportamentos vigentes. Para tal, esta discussão está pautada em estudos, especialmente, de Bourdieu (1979; 1986).

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventude. Cultura. Identidade.

**ABSTRACT:** This bibliographic study aims to reflect on culture and identity as symbolic systems that enable members of a given community to organize their behaviors, values and manifestations. In the specific case of this discussion, the focus will be on youth, in order to understand how their actions and initiatives contribute to changes in different perspectives - be they social, customs, beliefs and / or current behaviors. To this end, this discussion is based on studies, especially by Bourdieu (1979; 1986).

**KEYWORDS:** Youth. Culture. Identity.

### 1 | INTRODUÇÃO

Este artigo traz à tona fundamentação de cunho teórico, com o objetivo primordial de possibilitar a ampliação de reflexões no campo conceitual sobre cultura e identidade e, assim, discutir e compreender como a inter-relação entre cultura, identidade, capital simbólico movem diversas manifestações de nossa juventude em diferentes aspectos – a exemplo do social, político, histórico e cultural, a partir de um sistema de trocas simbólicas.

Neste sentido, mister se faz compreender como estas trocas simbólicas fortalecem o protagonismo de nossa juventude, a partir de um elo entre sujeito e comunidade.

A fim de alcançar os resultados esperados, buscou-se travar um diálogo com estudiosos do tema, em especial, Bourdieu (1979; 1986) e discutir as categorias que permeiam este estudo: cultura, identidade, capital simbólico.

### 2 | CULTURA E IDENTIDADE: EVOLUÇÃO CONCEITUAL

Antes de abordar sobre cultura e sociabilidade, faz-se necessário esclarecer alguns conceitos de cultura e sobre qual se volta o olhar deste estudo. O termo cultura vem do latim *colere*, que significa cultivar. Cultura é o

modo de vida, os padrões de comportamento, as crenças e os valores de cada sociedade; ou seja, é tudo aquilo que é produzido e transformado pelos grupos humanos (ARANTES, 2005).

Todavia, o homem não se identifica apenas com a sua cultura, mas com identidades comuns à humanidade. Sendo assim, a identidade é um aspecto de relevância nas atividades e representações culturais das sociedades e, representada por meio de símbolos, esconde-se em textos e produções artísticas de uma época. Portanto, cultura e identidade estão imbricadas e, compreender:

[...] o que é cultura, com seus conceitos antropológicos e sociais e a relação que tem com o indivíduo e a sociedade é uma forma de entender o que é e como surge a identidade, uma vez que ela é a expressão máxima da realidade cultural e social de um povo (TORRES, 2005, p. 45).

Diversos estudiosos se debruçaram sobre as concepções de culturas, haja vista a multiplicidade de conceito existente na literatura. Autores como John Thompson (1995), Alfredo Bosi (1987), Peter Burke (2004), Sidney Mintz (2010), Rafael Perico (2009), Edward Tylor (2005) e outros trazem contribuições essenciais para a compreensão do termo. Thompson (1995) discorre sobre a cultura e suas variações e o uso desta categoria. Quanto à variação do que vem sê-la, têm-se algumas considerações acerca do período em que a ciências sociais, com mais proximidade à Antropologia, se apropriam desse conceito como objeto de estudo e formula o que Thompson (1995) classificou como sendo “descritiva e simbólica”.

A concepção descritiva, caracterizada por ele como sofredora de influência direta das ideias iluministas de progresso, está direcionada ao conjunto de valores, crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas características de uma sociedade em um período histórico.

Para Thompson (1995), na concepção simbólica o foco são os fenômenos simbólicos e o estudo para interpretação dos símbolos e da ação dos mesmos. Esse autor elabora o que ele chama de concepção estrutural de cultura, que se propõe a observar a constituição significativa das formas simbólicas e a sua contextualização social.

Quanto à produção cultural, também se insere no universo transformador da revolução industrial, vivendo mutações que implicam nas novas técnicas e estudos elaborados a partir das transformações na produção artística. Sendo assim, surge para ele o que se conceitua como consumo conspícuo, que é a elevada comercialização de “bens não essenciais à sobrevivência dos seres humanos”.

Outra vertente para discutir a questão de cultura e suas variáveis dentro de uma comunidade eclética, como é o caso de qualquer município brasileiro, é a análise desenvolvida por Bosi (1987) quanto à pluralidade cultural do Brasil. Esse

autor inicia a reflexão, fortalecendo a ideia de equívoco em se pensar, por muito tempo, que a cultura brasileira fosse singular, homogênea e coesa. Essa concepção contribuiu, por muito tempo, para sociólogos e, sobretudo políticos, a tentarem construir um perfil cultural que forjasse uma identidade nacional.

O que Bosi procura salientar é que as culturas ditas populares, eruditas e de massa, interagem entre si, modificando-se, fortalecendo-se, por isso não existe uma cultura homogênea, como matriz comportamental e sim uma pluralidade que demanda uma compreensão do “resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço” (BOSI, op. cit.,7).

Essa interação de culturas também se dá entre as diversas esferas nacionais e internacionais. Tais intercâmbios culturais podem ocorrer por meio de migrações externas e internas e por meio das relações mais variadas.

Referente às produções populares e eruditas, este autor tece as seguintes considerações: Tanto a cultura popular quanto a erudita, não são baseadas na produção em série; a aspiração pela autonomia faz surgir nos meios intelectuais uma consciência crítica mais total do seu universo, elaborando análises sobre si mesmo, como afirma Bosi:

À medida que a ciência se mostra capaz de pensar a si próprio; à medida que o estilo de hoje resgata; refaz ou parodia a linguagem de outros tempos o espírito humano não se enreda nos fios da pura tautologia (BOSI, op. cit., 14).

Assim, a cultura é global, presente em todos os aspectos da vida, e de acordo com as condições de cada um, cada qual produz sua cultura. A cultura vive em constante transformação.

Segundo Burke (2004), o termo cultura, inicialmente, se referia às artes e às ciências. Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes – a música folclórica, medicina popular e assim por diante. Depois passou a se referir a uma ampla gama de artefatos, tais como, imagens, ferramentas, casas, entre outros aspectos e práticas (conversas, leitura, jogos).

Assim sendo, nessa concepção a cultura e a sociedade estão intrinsecamente ligadas, pois para o surgimento da cultura é necessário haver interação entre os indivíduos localizados em um determinado ambiente e espaço. Como consequência, a cultura surge como um resultado das relações espaço-temporais humanas. Desta forma, “para que se possa entender o direcionamento do pensamento e das ações de uma sociedade, deve-se *relacionar o indivíduo que dela faz parte*” (TORRES, 2005, p. 29).

As premissas colocadas revelam que o termo cultura é bastante complexo e por isso suscita muitas discussões por admitir diferentes acepções. Desta forma, cultura significa tanto os valores e padrões de comportamento de uma sociedade;

como civilidade e progresso e, ainda, apuro ou elegância. Tais significados podem ser facilmente utilizados, pelo senso comum, atendendo a determinadas e corriqueiras situações.

A conceituação sobre a cultura leva um maior entendimento do comportamento humano e conseqüentemente, nas relações dos indivíduos em sociedade. De acordo com Mintz (2010) e Perico (2009) o conceito de cultura surgiu nas discussões intelectuais do final do século XVIII, na Europa. Na França e na Inglaterra, sendo precedida pela análise do termo “civilização”, imbuída das qualidades do civismo, cortesia e sabedoria administrativa, e referia-se, em especial, às realizações materiais de uma cidade.

Em tal concepção, o termo civilização se opunha ao que era considerado como barbárie e selvageria. E, no curso das teorias evolucionistas predominantes do período, esse conceito foi sendo associado às ideias de superioridade das nações civilizadas.

Já na Alemanha, o termo de início, tinha significado similar ao utilizado nos outros países europeus. No entanto, após discussões entre os intelectuais da época o termo “civilização” passou a ser compreendido como algo externo, racional, universal e progressivo, enquanto que a cultura referia-se ao espírito, às tradições locais, ao território.

Destaca-se, que é em 1871, que surge o conceito de cultura no seu sentido mais amplo e sob o ponto de vista antropológico, concepção esta formulada por Tylor no livro *Cultura Primitiva*.

Tylor (2005, p. 14) define cultura como: “todo o complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábito adquiridos pelo homem na condição de membro de uma sociedade”.

A partir da concepção de cultura, Tylor sintetiza em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de destacar o caráter de aprendizagem da cultura, contrária à ideia da aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos. Essa perspectiva evolucionista o levou a explicar a diversidade das culturas existentes enquanto diferentes práticas de desenvolvimento ou evolução (selvageria, barbárie e civilização). Nesse sentido, concebeu a cultura como processo único, expresso em diferentes níveis de evolução.

O antropólogo alemão Franz Boas radicado nos Estados Unidos, iniciou a principal reação à perspectiva evolucionista linear da cultura, a partir dos estudos realizados com os esquimós ao final do século XIX. Boas (2010) elaborou uma crítica ao evolucionismo e propôs à antropologia as tarefas de fazer a reconstrução particular da história das cidades ou das regiões e comparar a vida social de diferentes cidades com padrões de desenvolvimento pautados nas mesmas leis.

Ao desenvolver o particularismo histórico, Boas rompeu com o evolucionismo

linear, sob a afirmação de que cada cultura segue seus próprios caminhos, à proporção que desempenha funções nos diferentes eventos históricos. Ele argumentou que a explanação evolucionista da cultura só teria sentido em termos da abordagem multilinear e; nesse sentido, já não era possível falar em cultura singular (como única cultura que seguia práticas de evolução).

Nessa perspectiva, Boas (2010) estabeleceu as bases para o relativismo cultural, o que já nortearia conceber uma cultura superior às demais. Desde então, os avanços dos estudos antropológicos resultaram na produção de vários conceitos de cultura, sendo que a antropologia americana, no período compreendido entre as décadas de 1920 a 1950, chegou a constituir mais de 150 definições de cultura.

Para obter precisão conceitual sobre cultura, R. Keesing (1974) esforçou-se para classificar essas tentativas modernas e, com isso, apresentou dois esquemas básicos. O primeiro, referido às teorias que consideram as culturas como sistemas adaptativos, servem para adequar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos, padrões de estabelecimento de agrupação social e organização política, crenças e práticas religiosas, dentre outros.

O segundo refere-se às teorias idealistas da cultura, que foram subdivididas em três abordagens: a) desenvolvida por antropólogos como o W. Goodenough<sup>1</sup> aborda a cultura como sistema de conhecimento que abrange tudo o que alguém tem que conhecer e crer para operar e se portar de forma aceitável dentro de sua sociedade; b) a desenvolvida por Claude Lévi-Strauss<sup>2</sup>, que considera a cultura enquanto sistema estrutural e que a define como sistema simbólico resultante da criação cumulativa da mente humana, restando para o antropólogo a tarefa de descobrir na estrutura dos domínios cultural (mito, arte, parentesco, linguagem) os princípios da mente que geram estas elaborações culturais, e c) a abordagem desenvolvida em especial, pelo antropólogo americano Clifford Geertz<sup>3</sup>, que considera a cultura não como complexos padrões concretos de comportamentos – costumes, usos, tradições, hábitos –, mas enquanto conjunto de mecanismos de controle – planos, prescrições, regras e instruções para governar o comportamento. Com isso, Geertz (1989) afirmou que todas as pessoas nascem aptas para receber um programa cultural, por isso são dependentes desses. Evidencia-se, que ele ao discutir sobre cultura tem-se sempre em mente a humanidade em toda a sua riqueza e multiplicidade de formas de existência.

Os antropólogos W. Goodenough (1971) e Claude Lévi-Strauss (1982) contribuíram para o aprofundamento e ampliação da discussão sobre cultura. O

1. Antropólogo e professor norte-americano. Contribuiu com diversos estudos sobre cultura escolar e antropologia cognitiva.

2. Antropólogo, professor e filósofo francês. Fundador da antropologia estruturalista e considerado um dos grandes intelectuais do século XX.

3. Antropólogo e professor norte-americano. Por três décadas, foi considerado o antropólogo mais influente nos Estados Unidos.

primeiro por desenvolver um sistema cognitivo; o segundo, por defender uma visão de sistema estruturalista. Já Lévi-Strauss busca descobrir, na estruturação dos domínios culturais como mito, arte e linguagem, a explicação para o fato de o ser humano se submeter a regras sociais.

Clifford Geertz (1989) também apresenta uma visão sistêmica na sua definição de cultura, ou seja, para ele a cultura deve ser considerada um conjunto de mecanismos de controle, planejamento, regras e receitas, por exemplo, para se poder governar. Estudar cultura é em síntese estudar um sistema de símbolos.

Para Hall (2011), a identidade cultural apresenta-se sob dois focos. O primeiro refere-se à cultura compartilhada em sociedade ou nação e representa o corpo estável da cultura. Já o segundo refere-se, complementarmente ao primeiro, à experiência individual que agrega valores e referências a uma cultura, tornando-se mecanismo de transformação, mudança e adaptação.

Segundo Castells (1999) as identidades são consolidadas nos processos de construção de significado pautado no atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais interrelacionados, que prevalecem sobre outras fontes de significado.

De acordo com as discussões feitas até aqui, nota-se que as sociedades são caracterizadas por culturas distintas. As raízes dessas culturas, geralmente estão atreladas aos fundamentos religiosos, e são tão antigas quanto o processo de formação dessas sociedades. Quando os indivíduos de uma sociedade se associam entre si, tentam estabelecer critérios de convivência, de ritualização e de significação que tornam a sociedade dos homens um mundo seu, cultivado, construído e consolidado na mente das gerações. Desta forma, a cultura torna-se expressão do caráter de um povo.

O processo de formação de uma civilização, ou seja, de uma sociedade com uma cultura específica é um processo lento e longo, em que conta a preservação de tradições, o incremento dos saberes e a transmissão dessa tradição sempre acrescida, mas sempre construída dentro de parâmetros aceitos socialmente e regulados pelo corpo da própria cultura.

Desse modo, pertencer a uma cultura significa ter identidade frente ao outro e, sobretudo, compartilhar, com aqueles pertencentes à mesma cultura, um grau de igualdade tal que se permita, a cada indivíduo, ser, ao mesmo tempo, livre e igual, já que o que torna os homens iguais em uma cultura subjaz à própria consciência de identidade que o torna livre em sua manifestação dessa cultura. Estas relações acontecem a partir de um sistema de trocas simbólicas. É sobre o quê discutir-se-á a seguir.

### 3 I A CULTURA SOB A PERSPECTIVA DO CAPITAL SIMBÓLICO, REPRESENTAÇÕES E *HABITUS*

Na compreensão do capital cultural é importante destacar a construção de identidades articuladas com valores construídos socialmente, por meio de uma análise crítica, tendo como pano de fundo, a Teoria de capital cultural de Bourdieu (1979), o capital social a partir das contribuições de Coleman (1990), Gittel e Vidal (1998), Narayan (1999), Woolcock (1999), Putnam (2000), World Bank (2000) e Moyano (2001), bem como a teoria das representações sociais que se constitui uma referência para pesquisadores sociais, educadores, psicólogos, entre outros.

Esta referência não reside no fato de ser apenas “mais uma boa teoria” (GUARESCHI & JOVCHELOVITCH, 1998, p. 17), mas por questionar os fenômenos estudados, e apresentar-se inovadora na pesquisa e na compreensão da relação entre os indivíduos e destes com o ambiente social que os cercam, visando à construção do conhecimento do cotidiano, do senso comum e dos processos cognitivos que envolvem.

A representação social é uma configuração de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo um objetivo prático e contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.

As representações sociais são socialmente elaboradas e partilhadas – isto significa que estão inseridas em um campo de relações entre indivíduos e grupos, que possuem “uma certa posição dentro do espaço social e, conseqüentemente, um *habitus*” (DOMINGOS SOBRINHO, 1998, p. 12).

Desse modo, as diferentes visões de uma pessoa sobre uma situação conduzem às elaborações mais complexas como a identidade grupal, que pode ser muito mais que características fenotípicas ou sociológicas. No entanto, pode ser considerada também como a resultante de um somatório de representações vigentes entre seus indivíduos.

Bourdieu (1979) tenta compreender as possibilidades de escolha do indivíduo, mas reconhece que esse não escolhe por livre arbítrio. Esse problema teórico é resolvido por meio do *habitus*, que assegura a coerência da concepção de sociedade feita por Bourdieu e a concepção de agente social individual com escolhas. É a noção de *habitus* que vai garantir a articulação entre o individual e o coletivo.

Decorrente de uma estrutura, o *habitus* é, entretanto, reatualizado pelas

---

4. Bourdieu (1979) conceitua *habitus* como um sistema de arranjos socialmente elaborado que se constitui em um princípio gerador de um conjunto de práticas e ideologias de um grupo social. *O habitus* “é o produto de uma aprendizagem inconsciente, uma aparente aptidão natural que possibilita ao sujeito evoluir livremente em um determinado meio social” (BOURDIEU, 1979, p. 73). Quando estruturado, o *habitus* é capaz de produzir percepções, representações, opiniões, desejos, crenças, gestos e uma imensurável quantidade de produções simbólicas.

situações conjunturais. É nesse sentido que o conceito de *habitus* permite pensar na questão de como o homem se torna social. Nesse processo de socialização, o indivíduo aprende como funcionam as relações sociais e assimila normas e valores. Este ser social é permeado por diversas representações sociais.

No caso de representações, Abric enfatiza que:

As representações definem para os grupos uma identidade e garante-lhes a especificidade, autorizando, assim, uma comparação intergrupala. Perceber-se-á que as representações de cada grupo de inserção são sempre valorizadas por seus integrantes em alguns de seus aspectos, no propósito de atribuir-lhe uma imagem positiva. (ABRIC, 1998, p. 28)

Ao elaborar uma representação acerca de um objeto qualquer, a pessoa elabora ou transforma sua identidade, afirma Domingos Sobrinho (1998). Para ele, a identidade é algo relacional, em permanente processo de construção, degeneração e reconstrução, compreendê-la requer uma reflexão sobre todo o sistema de referências culturais do indivíduo ou grupo em estudo. Essa reflexão permite considerar os diversos componentes identitários do sujeito, com alguns mais evidentes do que outros.

Bourdieu (1979) observa que esse sistema de disposições incorporado pelo sujeito não conduz suas ações de modo mecânico. Essas disposições não seriam normas rígidas e detalhadas de ação, mas princípios de orientação que precisariam ser adaptados pelo sujeito às variadas circunstâncias de ação.

Ter-se-ia, assim, uma relação dinâmica, não previamente determinada, entre as condições estruturais originais nas quais foi constituído o sistema de disposições do indivíduo e que tendem a se perpetuar por meio deste e as condições nas quais essas disposições seriam aplicadas. Em poucas palavras, a estrutura social conduziria as ações individuais e tenderia a se reproduzir por meio delas, mas esse processo não seria rígido, direto ou mecânico. Sendo assim, cada indivíduo passa a ser caracterizado por uma bagagem socialmente herdada.

Domingos Sobrinho, em suas pesquisas no campo representacional, afirma que:

É, portanto, a partir da construção das representações dos diferentes objetos em disputa dentro de um campo particular do espaço social que um determinado grupo vai construindo os traços distintivos de sua identidade. Entretanto, os sistemas culturais por eles produzidos não são estranhos entre si. Ao contrário, não podemos imaginá-los de maneira isolada, mas dentro de um universo onde todos estão em relação de articulação e interdependência. Cada condição social é, assim, definida por suas propriedades intrínsecas, particulares e, ao mesmo tempo, pelas propriedades relacionais que cada uma deve a sua posição dentro do sistema das diferentes condições sociais

que é também sistema de diferença: 'a identidade social se define e se afirma pela diferença. A identidade do grupo, por conseguinte, é condicionada por uma oposição e suscita a elaboração de representações sobre os diferentes objetos que ocasionam essa oposição (DOMINGOS SOBRINHO, 1998, p. 33).

Dentro dessas considerações, pode-se dizer que o estudo da teoria das representações sociais torna-se, efetivamente, um precioso instrumento na compreensão dos discursos e práticas individuais e/ou coletivas, contribuindo, sobremaneira, para o estabelecimento de uma “identidade social” e um posicionamento ante uma gama de fenômenos no cerne da sociedade, no caso específico deste estudo: a contribuição do capital cultural para o fortalecimento dos territórios e a identidade dos jovens da periferias das grandes cidades, que por sua vez demanda uma análise do capital social.

A literatura que discute capital social e redução da pobreza afirma que, principalmente, em países periféricos, um percentual significativo da população tem acesso a fartos estoques de *bonding social capital*<sup>5</sup>, pouco *bridging*<sup>6</sup> e quase nenhum *linking*<sup>7</sup> (WOOLCOCK, 1999) e a fluidez social em sentido vertical é mais difícil, dada a dificuldade em se estabelecer pontes entre estes grupos e as instituições governamentais.

Bourdieu (1986) discorda da visão meramente economicista de capital e inclui, na sua definição, aspectos imateriais e não-econômicos de capital, especificamente capital cultural e social.

Conforme Bourdieu (1986), os diferentes tipos de capital podem ser adquiridos, trocados, e convertidos em outras formas de capital; e fundamenta a sua visão uma vez que a estrutura e a distribuição de capital também representam a estrutura natural do mundo social, e que o entendimento das múltiplas formas de capital ajudará a elucidar a estrutura e o funcionamento do mundo social.

Para esse autor, o capital cultural pode se apresentar de três formas: o estado incorporado (*embodied state*), o estado objetificado (*objectified state*) e o estado institucionalizado (*institutionalized state*).

O estado incorporado está diretamente relacionado ao conhecimento do indivíduo, e representa o que ele sabe e pode fazer. O capital incorporado pode ser aumentado investindo-se tempo na auto melhoria da forma de aprender. À medida que o capital incorporado torna-se integrado ao indivíduo, ele se torna um tipo de hábito e, portanto, não pode ser transferido instantaneamente – diferentemente das formas de capital econômico.

Segundo Bourdieu (*op. cit.*), o capital cultural incorporado pode se apresentar

5. Envolve os vínculos entre agentes de uma mesma posição.

6. Envolve os laços fracos entre agentes de grupos sociais distintos.

7. Envolve as relações entre os grupos sociais e os agentes em postos de decisão em organizações, ou seja, as ligações verticais.

de duas formas, a primeira e mais primitiva é a capacidade de aquisição de mais capital cultural por meio da aprendizagem (o aprender a aprender, a alfabetização, o raciocínio lógico, matemático, espacial entre outras áreas do conhecimento); e a segunda, os demais conhecimentos em si.

Ressalta-se que outra característica importante deste capital é que o esforço de tempo para a sua acumulação deve ser feito pelo próprio investidor, não pode ser delegado a um terceiro. Da mesma forma, ele tem um limite máximo de acumulação (a capacidade cognitiva do indivíduo), e é extinto com o fim da existência dele (não é possível herdar conhecimento).

O estado objetificado do capital cultural é representado pelos bens culturais e materiais, tais como: livros, obras de arte (pintura, escultura, mobiliário), máquinas entre outras formas. Estes materiais podem ser apropriados tanto materialmente (por meio do capital econômico), como simbolicamente (por meio da incorporação do capital).

Neste sentido, conclui-se que o capital cultural é regulado e se reproduz de modo similar a um hábito. Destaca-se que, desta maneira, famílias que detêm capital cultural poderiam apenas gerar descendentes com a mesma quantidade de capital cultural. Contudo, observa-se que esta abordagem é um tanto inflexível, tendo em vista que não prevê que os descendentes destas famílias poderão superar o nível de capital cultural herdado, ou seja, as futuras gerações estariam limitadas pelo capital cultural inicial que lhes foi transmitido pelas suas famílias.

A partir da concepção de Bourdieu, o capital social pode ser definido uma rede de relacionamentos é o produto de estratégias de investimentos, individuais ou coletivos, conscientemente ou inconscientemente direcionada a estabelecer ou reproduzir relações sociais que são diretamente usáveis a longo prazo, implicando em obrigações duráveis subjetivamente sentidas (sentimento de gratidão, respeito, amizade, etc) ou institucionalmente garantidas (direitos).

O capital social de um indivíduo é determinado pelo tamanho de sua rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e o volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) possuído por cada uma das pessoas às quais ele tem alguma conexão. Portanto, o capital social exerce um papel multiplicador do referido capital existente em um determinado grupo de pessoas, deixando-o disponível a todos os membros desta rede.

Para Bourdieu (*op. cit.*), as redes precisam de manutenção e de estímulos constantes ao longo do tempo, de forma que possam ser ativadas rapidamente no futuro. Deve haver uma série contínua de trocas (econômicas, culturais, simbólicas, sociais) entre os membros do grupo, para que o reconhecimento mútuo seja interminavelmente afirmado e reafirmado.

Este sociólogo entende que a habilidade dos indivíduos do grupo é de

fundamental importância para a criação e manutenção do capital social.

Ainda de acordo com este estudioso, o capital econômico pode sofrer conversão para outra dimensão do capital (social ou cultural) – a exemplo, o capital econômico pode se transformar em social, desde que o indivíduo dedique tempo, atenção, cuidado e interesse, por exemplo. Ressalta-se que do ponto de vista meramente econômico, este esforço pode ser percebido como um desperdício; mas em termos da lógica das trocas sociais é um investimento sólido, e o lucro advém em longo prazo.

Outro aspecto abordado por Bourdieu (*op. cit.*), é que o capital social pode ser herdado (simbolizado por um sobrenome em uma determinada região, por exemplo) possibilitando relações circunstanciais em relações duradouras com menor esforço.

Nesta perspectiva, considerando-se a inter-relação entre identidade e cultura e suas diferentes possibilidades de manifestação de capital, discutir-se-á, na próxima seção, como este elo é estabelecido.

#### **4 I IDENTIDADE: ELO ENTRE O SUJEITO E A COMUNIDADE**

Castells (2001, p. 22) entende por identidade “fonte de significado e experiência de um povo”. E que, dentro da cultura de um povo pode coexistir mais de uma identidade que harmonizam e conflitam entre si; logo, se existe mais de uma identidade devemos tratar mais em significados e experiências de um povo. Oliveira (2001, p. 139) afirma “que a identidade cultural seria uma espécie de pertencimento”.

Para Saquet (2007), “na geografia, a identidade significa, simultaneamente, espacialidade e/ou territorialidade”. Ainda de acordo com a visão deste autor, a identidade tem também um caráter de organização política, podendo significar permanências e/ou mudanças nas relações sociais. Assim, mostra-se como uma estratégia de reprodução social:

[...] “constantemente, reconstruída histórica e coletivamente e se territorializa, especialmente, através de ações políticas e culturais”, apresentando especificidade em cada situação local. Dessa forma, “a identidade é territorial e significa além de pertencimento a certo lugar, o resultado do processo de territorialização, com elemento de continuidade e estabilidade, unidade e diferencialidade” (SAQUET, *op. cit.*, 147).

Castells (1999, p. 231), apresenta uma definição de identidade articulada com as relações de poder; quando afirma que a identidade “é o processo de construção do significado com base em um atributo cultural ou ainda em um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”.

Ainda para Castells (2000), é necessário distinguir a identidade e os papéis

que se exerce, ou seja, os papéis são estruturados por instituições e organizações da sociedade (ser trabalhador, mãe, político etc). A identidade refere-se a fontes de significados construídas por meio da individualização, constituindo fontes mais importantes do que os papéis sociais, justamente pelo processo da autoconstrução e individualização.

O supracitado autor afirma que a identidade deve ser compreendida como processo culturalmente construído e repleto de significados. E que há três formas de construção da identidade:

Há três formas de construção da identidade: *a identidade legitimadora*: construída por instituições dominantes (por exemplo, o nacionalismo), levando a constituição de uma sociedade civil; *a identidade de resistência*: fundamentadas em posições contrárias estigmatizadas pela classe dominante (como exemplo, os favelados), propiciando a formação de comunas e comunidades; *a identidade de projeto*: refere-se à ação de atores sociais que buscam uma nova identidade capaz de redefinir a sua posição na sociedade e a transformação estrutural da sociedade (por exemplo, o feminismo), produz por sua vez, sujeitos, ou seja, atores sociais coletivos que lutam por uma sociedade melhor (CASTELLS, 2000, p. 24-26).

Segundo Silva (2000, p. 89), “A identidade é um significado cultural e socialmente atribuído”. A identificação pressupõe uma prévia caracterização que se atribui ao que é semelhante, ao mesmo tempo em que permite distinguir o que é diferente.

De acordo com Almeida (2005), a identidade representa um conjunto de características e circunstâncias que são distintas de um indivíduo para o outro, concebidas por situações que se diriam culturais na medida em que representam momentos e territórios característicos de um grupo espacial e temporalmente determinados.

Conforme os autores supracitados, constata-se a existência de interação entre os termos identidade e cultura; neste sentido é possível relacioná-los, partindo-se do princípio de que a cultura relaciona-se à “essência”, à “natureza” de dado grupo, enquanto que a identidade pressupõe classificação, sentimento de pertencimento deste grupo cultural.

Embora exista relação entre os termos, estudiosos também apontam distinções conceituais, a exemplo de Cuche (2002, p. 176), o qual afirma que:

[...] a cultura pode existir sem consciência da identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas. (CUCHE, 2002, p. 176).

Fica, pois, claro que, a identidade é uma função direta da cultura, ou seja, a identidade é uma resultante da cultura; possibilitando exprimir suas características distintivas mais marcantes, atribuindo “valores culturais”.

Para Haesbaert (2007), esta relação dificilmente pode ser dissociada:

Com relação à identidade e diferença ocorre um cruzamento ainda mais íntimo, pois não há como “identificar-se” algo sem que sua “diferenciação” (em relação ao “outro”) seja construída, a ponto de “diferenciar-se” e “identificar-se” tornarem-se completamente indissociáveis – isto demonstra, de saída o caráter permanente relacional da construção identitária, sempre produzida na relação com aquele que é estabelecido como o seu ‘outro’. (HAESBAERT, 2007, p. 36).

Nessa linha de pensamento, também Hall (2011, p. 87) afirma que a “identidade e diferença são indissociavelmente articuladas ou entrelaçadas em identidades diferentes, sendo que uma nunca anula completamente a outra”.

Castells (1999) ressalva a existência de identidades múltiplas ao abordar a questão das distintas formas e origens de construção das identidades, visto que as diferenças estão estritamente vinculadas a um dado contexto social.

Neste sentido, destaca-se que as identidades são constituídas social e historicamente, e devem ser entendidas como processo de identificação.

Destaca-se ainda que o processo de identificação é, por natureza, aberto e dinâmico, portanto, pressupõe a todo o momento, novas interpretações, significações e ressignificações, erguidas no tempo histórico e dentro do campo social em que se move e é produzida, operando como uma estratégia discursiva entre indivíduos e grupos.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as discussões apresentadas neste artigo, evidenciou-se que a cultura pode ser compreendida como sistemas simbólicos divididos pelos membros de uma sociedade para ordenar seus comportamentos, valores e manifestações, os quais produzem o *habitus* de dado grupo de agentes.

É certo que uma comunidade, neste caso específico, a juventude, a partir das ações e iniciativas, contribui com transformações em diferentes perspectivas – sejam elas sociais, de costumes, de crenças e/ou de comportamentos vigentes em uma dada sociedade.

Nesta perspectiva, é possível compreender a manifestação de diferentes práticas de cooperação protagonizadas pelas juventudes permeadas por diversos aspectos, sejam eles sociais, econômicos, políticos, históricos, entre outros.

Vale lembrar que apesar de um mesmo fato ou evento social ser apreendido

por diferentes grupos, o mesmo dar-se também de formas diversas, podendo ter maior, menor ou nenhuma importância quando classificado dentro de suas respectivas escalas de valores e, ainda, ter uma função simbólica na ação ou comportamento dos indivíduos do grupo diante do objeto e em suas relações de poder simbólico.

A identidade permite a análise da inclusão, ou não, de indivíduos em determinados grupos. Portanto, a identidade cultural é o elemento distintivo entre os diferentes grupos protagonizados pela juventude. Neste sentido, a identidade se configura como o resultado da relação entre um grupo e sua base espacial, por meio de estabelecimento de vínculos.

Compreende-se, outrossim, que a identidade cultural, por estar vinculada a um determinado contexto social, sofre alterações, é mutável, possuindo, um caráter dinâmico e multidimensional e que, portanto, fundamenta-se na diversidade.

## REFERÊNCIAS

- ABRIC, Jean Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de (org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine Costa (Org). **Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Editora Viera, 2008, p. 47 – 70.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Fronteiras, territórios e territorialidades. **Revista da ANPEGE**, Fortaleza, Ano 2, n. 2, p. 103-114, 2005.
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 2005. (Coleção Primeiros Passos).
- BOAS, Franz. Antropologia cultural. Trad. Celso de Castro. – 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- BOSI, Alfredo (org.). Plural, mas não caótico. In: BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira - temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987, p. 7-15.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução Maria Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *The forms of capital*. In RICHARDSON, J. (Ed.) **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood, 1986, p. 241-258.
- BOURDIEU, Pierre. *Le capital social: notes provisoires*. In: BOURDIEU, Pierre. **Actes de La recherche em sciences sociales**, [S.l.], v. 31, p. 2-3, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 2004.

COLEMAN, James Samuel. **Foundations of Social Theory**. Cambridge, MA: University Press, 1990.

COLEMAN, J. *Social Capital in the Creation of Human Capital*. American Journal of Sociology, vol. 94, S.95-120, 1988a. In: FRANCO, Augusto. **Capital Social: leituras de Tocqueville**, Jacobs, Putnam, Fukuyama, Maturama, Castells e Levy. Instituto de Política, 2001.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução: Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: Ed. da USC, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 323 p.

GITTELL, Ross; AVIS, Vidal. **Community Organizing: Building Social Capital as a Development Strategy**. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1998

GOODENOUGH, Ward Hunt. **Culture, language, and society**, Addison – Wesley Mc Caleb Module.

GUARESCHI, Pedrinh; JOVCHELOVITCH, Sandra (org.). **Textos em representações sociais**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LÉVI STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

MINTZ, Sidney W.. Cultura: uma visão antropológica. **Tempo**. Niterói, v. 14, n. 28, p. 223-237, jun. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042010000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042010000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 02 jul 2015.

MOYANO, Eduardo E. *El concepto de capital social y su utilidad para el análisis de las dinámicas del desarrollo*. **Revista de Fomento Social**, Córdoba, n. 56, p. 35-63, 1999.

NARAYAN, Deepa. **Bonds and bridges: social capital and poverty**. Washington, DC: The World Bank, 1999.

NARAYAN, Deepa. **La voz de los pobres? Hay alguien que nos escuche?**. [S.l.]: [s.n.], 2000.

OLIVEIRA, F. Os protagonistas do drama: Estado e Sociedade no Brasil. In: Laranjeira, S. (org.). **Classes, movimentos sociais na América Latina**. São Paulo: Hucitec, 1990.

OLIVEIRA, Pérsio Santos. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Ática, 2001.

PERICO, Rafael Echeverry. **Identidade e Território no Brasil**. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, 2009.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

SAQUET, Marcos Antonio; SPOSITO, Eliseu Savério. Território, Territorialidade e Desenvolvimento: Diferentes perspectivas no nível internacional e no Brasil. In: ALVES, A. F.; CARRIJO, B. R.; CANDIOTTO, L. Z. P. (Org.). **Desenvolvimento territorial e agroecologia**. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 15-32.

SAQUET, Marcos Antônio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

THOMPSON, John. **Cultura e suas manifestações**. Rio de Janeiro: LTR, 1995.

TYLOR, Edward Burnett. A ciência da cultura. In: CASTRO, Celso (Org.). **Evolucionismo Cultural. Textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

TORRES, Alain. **Dicionário de símbolos culturais**. São Paulo: José Olympio, 2005.

WOOLCOCK, M. **Managing risk, shocks and opportunity in development economies: the role of social capital**. [S.l.]: The World Bank, 1999.

WORLD BANK. **World Development Report 2000/01**. New York: Oxford University Press, 2000.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adolescentes 22, 47, 89, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 145, 146, 147, 258, 284, 293, 296

Agricultura convencional 149, 152

Agricultura natural 239, 242, 243, 248, 250

Agroecologia 149, 150, 152, 154, 156, 250, 283

Aprendizagem significativa 183, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 228, 296

Assentamento 149, 150, 153, 154, 155, 156

### C

Chikungunya 179, 180, 182

Conscientização ambiental 239

Coronavírus 195, 196, 197, 204, 205, 210

Cotas 251, 254, 257

Covid-19 195, 196, 204, 205, 209

Crianças 22, 25, 26, 35, 36, 41, 45, 47, 89, 92, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 123, 181, 184, 186, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 207, 208, 209, 210, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 247, 248, 293, 296

Cuidado de si 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178

Cultura 2, 3, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 16, 17, 20, 24, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 48, 49, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 70, 81, 104, 129, 134, 135, 147, 191, 199, 200, 201, 202, 204, 207, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 236, 250, 265, 266, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 288, 298

Currículo 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 51, 63, 64, 69, 87, 91, 92, 98, 117, 203, 204, 205, 207, 210, 212, 218, 219, 220, 224, 225, 265

### D

Dengue 179, 180, 181, 182

Desempenho em matemática 88, 96, 97

Direitos humanos 10, 11, 12, 13, 15, 19, 20, 25, 48, 83, 262

Diversidade 4, 10, 15, 16, 18, 33, 34, 35, 38, 40, 42, 44, 53, 54, 57, 59, 63, 64, 69, 102, 113, 202, 222, 257, 271, 281

Dualismo escolar 120, 133

## E

Educação 2, 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 21, 23, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 98, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 152, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 193, 194, 195, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 231, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 265, 266, 267, 284, 285, 286, 288, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298

Educação ambiental 117, 119, 238, 239, 240, 241, 247, 248, 249, 250

Educação básica 32, 71, 75, 89, 90, 100, 157, 158, 159, 160, 165, 167, 168, 183, 203, 212, 255, 256, 261, 266, 298

Educação de jovens e adultos 132, 259, 260, 261, 266, 267, 284, 285, 286, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297

Educação em direitos humanos 10

Educação em saúde 179, 182

Educação infantil 31, 66, 72, 110, 181, 203, 204, 207, 209, 226, 227, 228, 235, 237, 246, 247, 293

Educação política 1, 6, 7, 8, 9

Educação profissional 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 251, 254, 255, 257, 258, 261, 266

Ensino médio integrado 126, 251, 253, 257

Ensino profissionalizante 78, 82, 123, 126, 254

Escola 2, 5, 6, 7, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 86, 87, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 98, 99, 101, 107, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 124, 125, 129, 130, 150, 154, 158, 160, 163, 168, 172, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 199, 202, 203, 204, 205, 207, 210, 211, 213, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 251, 252, 254, 255, 256, 260, 262, 266, 284, 287, 288, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297

Escola pública 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 61, 110, 112, 113, 114, 116, 125, 130, 158, 163, 168, 181, 193, 223, 296

Escolarização 25, 33, 34, 37, 91, 92, 195, 196, 197, 204, 205, 207, 208, 209, 220,

251, 256, 259, 262, 263, 288, 289

Escolas técnicas 78, 124, 125, 126

Evasão escolar 73, 78, 79, 83, 84, 85, 86, 183, 184, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 218, 221, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258

## **F**

Formação 2, 3, 4, 5, 6, 13, 19, 22, 24, 25, 27, 31, 35, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 74, 79, 80, 81, 86, 92, 102, 103, 105, 110, 111, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 138, 143, 144, 145, 147, 149, 153, 155, 159, 166, 172, 181, 189, 190, 191, 211, 212, 213, 216, 218, 219, 221, 223, 230, 240, 249, 255, 256, 259, 260, 261, 266, 267, 273, 279, 284, 285, 286, 287, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 298

Formação escolar 284, 285, 286, 289, 291, 292, 293, 294, 296

Formação humana 5, 22, 46, 52, 120, 121, 127, 133

Formação humanística 39

Formação profissional 42, 47, 120, 124, 255, 259, 266, 287

## **G**

Gestão democrática 66, 67, 75, 296

Gíria 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

## **H**

Histórias de vida 285, 286, 287, 288, 292, 294, 296

## **I**

Identidade 14, 34, 52, 63, 67, 70, 84, 134, 135, 139, 144, 145, 146, 147, 201, 214, 218, 268, 269, 270, 273, 274, 275, 276, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 286, 287, 288, 290, 292

Inclusão social 39, 42, 43, 48

Infância 22, 47, 107, 109, 112, 115, 116, 117, 136, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 209, 210, 285, 289, 295

## **J**

Juventude 267, 268, 280, 281, 290, 292, 296

## **L**

Linguagem 7, 13, 16, 29, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 220, 223, 224, 230, 270, 272, 273

Literatura 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 29, 78, 219, 251, 253, 254, 255, 269,

276

## **M**

Mundo do trabalho 23, 24, 26, 54, 259, 260, 262

## **N**

Natureza 8, 13, 54, 62, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 126, 129, 149, 150, 152, 176, 238, 239, 240, 241, 242, 249, 256, 259, 279, 280, 287

Nível de proficiência 88, 90

Novo campo escolar 195, 196, 197, 203, 205, 207, 208

## **P**

Parrhesía 170, 171, 176, 177, 178

Participação coletiva 66

Pedagogia de projetos 226

Políticas educacionais 1, 2, 23, 27, 29, 30, 70, 89, 92, 159, 166, 211, 213, 214, 215, 220, 222, 223

Políticas públicas 7, 26, 27, 56, 59, 78, 88, 89, 90, 99, 100, 109, 131, 186, 209, 211, 257, 259, 261

Prática pedagógica 32, 44, 69, 75, 89, 92, 177, 226

Preservação ambiental 116, 239

Privados de liberdade 134, 136, 138, 140, 142, 145, 147

PROEB 88, 89, 90, 91, 93, 98, 99, 100

Professor 14, 15, 19, 25, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 64, 67, 73, 76, 77, 78, 83, 85, 86, 90, 93, 98, 111, 112, 114, 115, 118, 137, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 170, 177, 178, 183, 189, 194, 206, 211, 213, 216, 218, 219, 222, 223, 224, 228, 229, 265, 266, 272, 294, 295, 298

Projeto político pedagógico 66, 67, 68, 69, 70, 72, 75, 76, 189, 190, 228, 295

Projeto recepção cidadã 102, 105

## **Q**

Qualificação 41, 48, 79, 81, 82, 83, 86, 159, 160, 211, 212, 213, 223, 260, 266

## **R**

Recurso linguístico 134, 139

## **S**

Salário 82, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168

Saúde na escola 179, 180, 181, 182

SIMAVE 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100

Sócrates 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178

## **T**

Teoria crítica 1, 3

Trabalho 3, 8, 10, 12, 23, 24, 26, 28, 30, 40, 41, 43, 44, 45, 54, 58, 64, 66, 67, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 85, 90, 92, 93, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 107, 113, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 149, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 165, 166, 171, 207, 211, 213, 214, 221, 223, 226, 227, 228, 229, 234, 235, 236, 240, 241, 247, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 266, 267, 284, 287, 288, 289, 290, 291, 294, 295, 296

## **Z**

Zika 179, 180

# **A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura**

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# **A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura**

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 